

Um bate-papo com

Steve McCurry

O aclamado fotógrafo norte-americano queria ser cineasta, mas descobriu na fotografia a sua verdadeira vocação. Confira aqui nesta entrevista exclusiva

Por Natália Manczyk

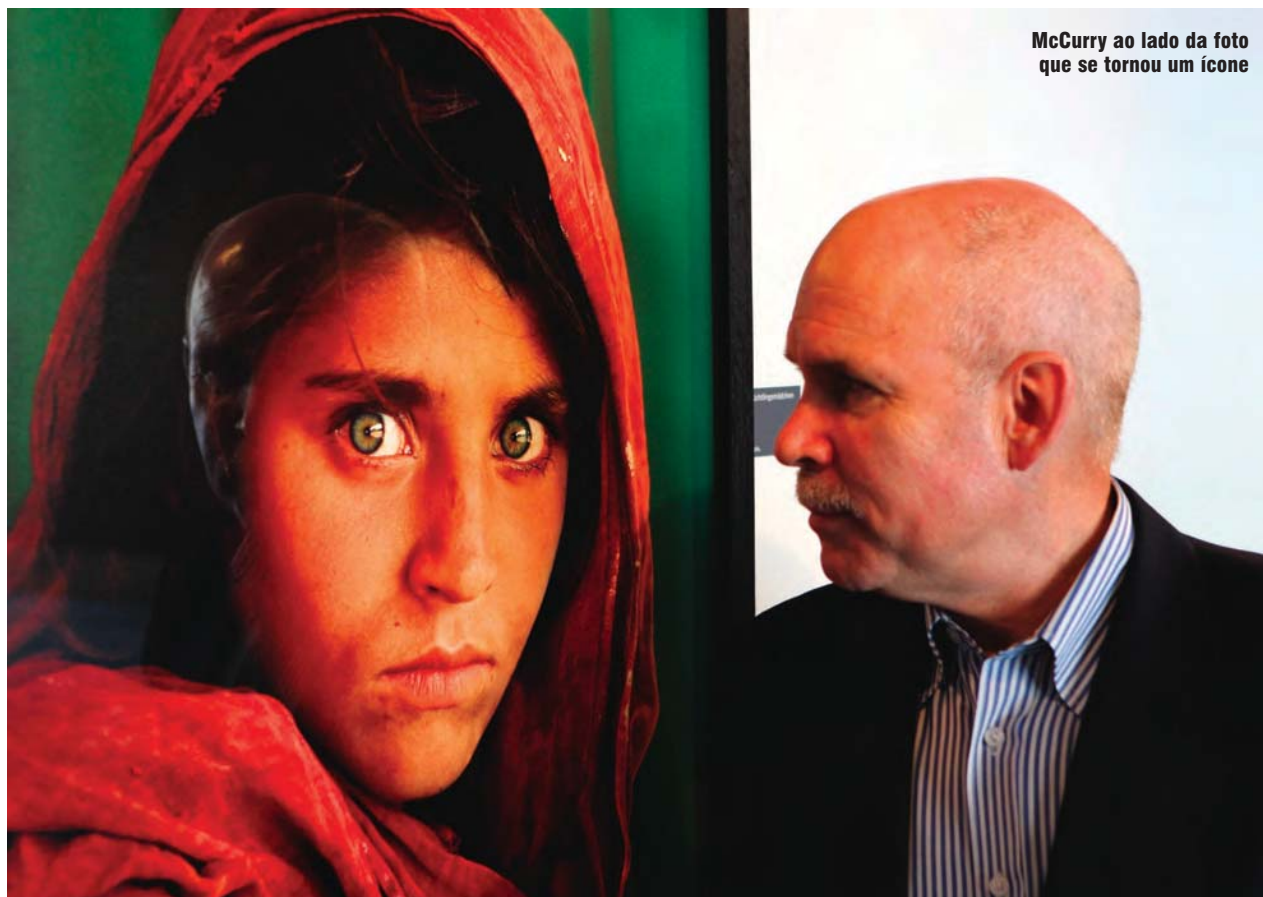
Os intensos olhos verdes e o olhar profundo da refugiada afegã Sharbat Gula, na época com 13 anos, ficaram eternizados por meio de uma foto publicada na capa da revista *National Geographic* em 1984. O autor desta que se tornou uma das mais famosas imagens da atualidade é o norte-americano Steve McCurry, membro da legendária Agência Magnum desde 1986. O fotógrafo é conhecido por retratar a consequência de guerras e conflitos na população mais pela expressão e profundidade do olhar que por fotos da destruição em si.

Nascido em 1950, McCurry

esteve em coberturas de conflitos importantes como na guerra entre Irã e Iraque, na desintegração da ex-Iugoslávia, na Guerra do Golfo, no Líbano e no Afeganistão, país que visitou quase 20 vezes. Além desses, também documentou o ataque às torres gêmeas em Nova York, em 11 de setembro de 2001, e fez trabalhos na Índia (onde esteve quase 75 vezes), Nepal, Vietnã, Iêmen, Camboja, Paquistão, Filipinas, entre outros países.

McCurry estará no Brasil de 18 a 22 de maio de 2010 para uma palestra gratuita e workshop, promovidos por **Fotografe** e o SP

Photo Fest. A palestra está prevista para o dia 20, no Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo (SP). Ele concedeu uma entrevista por e-mail desde Nova York, EUA, onde vive, em que destaca a importância para os fotógrafos do respeito com o fotografado, do espírito de aventura e da intensa observação de costumes e tradições ao redor. "É fascinante observar todas essas diferenças e ver como nós todos somos basicamente os mesmos", relata McCurry baseado na sua larga experiência em andanças pelo mundo. Ele conta também sobre o



McCurry ao lado da foto que se tornou um ícone

**Menino africano
fotografado em Timbuktu,
Mali: um típico retrato de
McCurry, com uma grande
expressividade no olhar**






reencontro com a menina afegã, que ocorreu 17 anos depois da publicação da foto na revista americana, dá detalhes sobre a cobertura do ataque ao World Trade Center e se mostra um apaixonado pelas reações das pessoas, sejam elas de Nova York, de Mumbai, na Índia, ou de Kabul, no Afeganistão.

Fotografe – Em que momento você decidiu ser fotógrafo?

McCurry – O que me atraiu para a fotografia foi a possibilidade de, como fotógrafo, caminhar pela rua de manhã sem nada programado, sem agenda ou planejamento específico, e poder observar e explorar o mundo sem

qualquer pressão ou expectativas. Eu estudei cinema no início da faculdade e na minha experiência percebi que o filme costuma ser um esforço em grupo e que o custo da produção é geralmente muito alto. Eu descobri que prefiro trabalhar sozinho e que gosto da minha solidão, de estar no controle de todo



Menino retratado durante o festival de Holi, em Mumbai, na Índia, em 1996

STEVE MCCURRY/MAGNUM PHOTOS/LATINSTOCK

o processo criativo. Além disso, a fotografia não tem tantos gastos envolvidos, além do custo do equipamento. Ela nos permite voltar várias vezes no tempo ao contemplarmos uma imagem. Na história recente, se você lembra de eventos importantes, o que a sua memória traz são imagens.

Fotografe – Algum fotógrafo em especial o influenciou?

McCurry – Acho que as fotos de Henri Cartier-Bresson são um maravilhoso *insight*. As imagens deixam transparecer a personalidade do fotografado, trazem emoção e uma compreensão do momento decisivo. As fotos são jornalísticas,

mas, para mim, transcendem o jornalismo e funcionam em vários níveis. Elas são atemporais.

Fotografe – Há algum fotógrafo brasileiro que você destaque? Por quê?

McCurry – Eu admiro o trabalho do Sebastião Salgado. Ele fotografou em alguns dos mais pesados ambientes do mundo, mas as imagens dele sempre retratam as pessoas com respeito e dignidade.

Fotografe – Você já esteve no Brasil? Já fez trabalhos para a Magnum ou para a National Geographic na América Latina?

McCurry – Fiz trabalhos pessoais na América Latina em Honduras, no Peru e na Colômbia. Vim duas vezes ao Brasil. Fotografei o carnaval em 2006 e estive em São Paulo em 2008.

Fotografe – Muitos fotógrafos, jovens e veteranos, irão vê-lo no Brasil. O que pretende ensinar no workshop e que tipo de palestra pretende dar para o público?

McCurry – Para mim, fotografia se trata de rodar e explorar histórias humanas e momentos inusitados que façam um interessante registro da vida nesse planeta. Na minha apresentação, planejo discutir o senso de aventura, de descoberta e de exploração, tratando da experiência de explorar novos lugares, de ver como as pessoas vivem, como se vestem e como praticam a religião. É fascinante observar todas essas diferenças e ver como nós todos somos basicamente os mesmos.

Fotografe – Qual o trabalho mais difícil que você fez?

McCurry – Não penso em termo de desafios enquanto fotógrafo. Tento estar saudável, porque fotografia tem muito de esforço físico. Geralmente requer estar na rua e caminhar por oito horas ou mais no dia. Obviamente, o fotógrafo precisa estar concentrado



Monges do mosteiro Shaolin, em Henan, China, durante atividade de meditação em 2004

nos fatos enquanto se movimenta. Aceito os fatos do cotidiano no momento em que me aparecem. Eu nunca tive problema.

Fotografe – O que o levou a procurar a menina afegã quase 20 anos após a publicação da foto? Como foi o momento do reencontro?

McCurry – A foto da menina afegã ficou conhecida em todo o mundo. Recebi muitas cartas e e-mails de pessoas que queriam saber sobre a história dela. Isso me fez ter determinação para tentar reencontrá-la. Quando a encontramos, sabia que era ela. Queriam fazer um teste científico examinando a íris da imagem atual e a íris da foto anterior, mas sabia que era ela. Fizemos um documentário do reencontro com Sharbat Gula, que teve um grande impacto na minha vida.

Fotografe – Algum outro fotografado foi marcante a ponto de anos depois você voltar para procurá-lo?

McCurry – Encontrar Sharbat Gula de novo foi uma oportunidade muito rara. Geralmente trabalho em regiões onde não há linha telefônica nem internet, então, na maioria das vezes, é impossível

localizar as pessoas que fotografei. Mas não tem nada mais gratificante que encontrá-los e ajudá-los. A melhor parte da história foi poder encontrá-la, ajudá-la e fazer sua vida melhor. Foram construídas muitas escolas em Kabul com base em doações que a foto suscitou.

Fotografe – Você costuma dizer que em suas fotos procura capturar a essência da pessoa retratada. Como faz para identificar essa essência? Como é a abordagem para retratos como os que estão no livro Looking East?

McCurry – Acho que a única maneira de as pessoas se convencerem a serem fotografadas é se elas se interessam pelo fotógrafo, confiam nele e no trabalho. E elas confiam se acreditam que o que ele está fazendo vai ser positivo para elas. A aproximação com as pessoas deve ser feita com respeito e, se elas acreditam no fotógrafo, as portas se abrem e o céu é o limite.

O fotógrafo precisa criar uma conexão com fotografado. Fazê-lo se sentir confortável ao seu redor. Tento ir além daquele momento inicial incômodo. Espere alguns minutos e você terá o sujeito mais natural e relaxado. Se você se

relaciona com as pessoas tomando-as como pessoas reais e estabelece uma conexão, seja fazendo uma brincadeira ou de outro modo, elas responderão e ficarão abertas e felizes por serem fotografadas. Algumas vezes, o momento é rápido e você só pode ficar poucos minutos com a pessoa. Outras vezes, a relação pode ter horas, como em uma viagem de trem na Índia, onde dá para ir conhecendo e fotografando os passageiros.

Fotografe – Você foi o primeiro a documentar o conflito civil no Afeganistão e no Paquistão ao cruzar, em 1979, a fronteira entre os dois países vestindo roupas típicas afegãs com a câmera escondida entre as vestimentas. Quais foram outras situações de risco que você enfrentou para documentar conflitos?

McCurry – Estava fotografando os efeitos dos bombardeios em Kabul, no Afeganistão, quando, sem aviso, centenas de foguetes começaram a cair de todas as direções na cidade. Tive que procurar um abrigo rápido e o primeiro refúgio que vi parecia ser um conjunto de prédios abandonados. Corri para lá e vi que era um hospital de doentes mentais. Os residentes eram vítimas de décadas de guerra. Havia soldados que tinham ficado loucos e civis traumatizados pelas cenas de horror que tinham testemunhado.

Não havia eletricidade, água corrente, médicos ou enfermeiros. A fumaça de uma cozinha improvisada tinha enegrecido o teto e as paredes. Enquanto eu ia para outra parte do pátio, olhei para trás e vi um homem que havia pego pedras pesadas e estava atacando outro doente, atingindo-o na cabeça. Lutei com o homem que atacava e levei o outro a um hospital. Essa experiência me assombra até hoje.

Fotografe – Depois de cobrir tantos conflitos mundo afora, como foi estar em Nova York no dia do ataque em 11 de



Exóticos pescadores durante o trabalho em Rangoon, no Sri Lanka, em 1995, registrados em uma das muitas reportagens de McCurry na Ásia

setembro? Como se sentiu fotografando algo tão dramático dentro do seu país?

McCurry – Em 11 de setembro, acordei às 6h porque estava com os sintomas de *jet lag* (alterações fisiológicas em pessoas que viajam muito de avião). Mais tarde, a mãe da minha assistente me ligou e disse “olhe pela janela, o World Trade Center está em chamas”. Eu não conseguia acreditar. Rapidamente peguei minha bolsa com a câmera e subi no topo. O irônico é que depois de cobrir tantas guerras, podia ir para essa cena particular simplesmente subindo do nono para o vigésimo andar do meu prédio. Cheguei no topo e passei a registrar velozmente. Por volta do meio-dia, fui para o Marco Zero e fiquei lá até acabarem todos meus filmes. Eram quase 20h30 e havia ainda um rolo de filme

na câmera quando decidi sair de lá. Mas não conseguia. Sabia que se eu voltasse para casa provavelmente não conseguiria entrar na área do World Trade Center de novo. Depois, acabou ficando muito escuro, eu estava muito cansado, não tinha tomado café da manhã nem almoçado e, como tinha voltado de viagem na noite anterior, estava realmente exausto. Cheguei em casa às 22h30. Voltei andando do local da tragédia e fiquei impressionado como a vida ia voltando ao normal conforme eu ia me distanciando do Marco Zero. Foi muito estranho escutar as conversas e perceber como a população estava tão ignorante em relação à magnitude desse fato inacreditável. Queria sacudi-las e dizer: “Você não percebeu que esse provavelmente é o dia mais importante da sua vida?”.

Fotografe – Como foi a passagem, no seu caso, da fotografia analógica para a digital?

McCurry – Uma das coisas mais interessantes da fotografia digital é que ela permite fotografar em luz muito baixa e ainda congelar o movimento. Já na analógica, mesmo usando o filme mais rápido, ao menos que você ilumine a cena, não tem como congelar. A velocidade teria de ser muito baixa e os objetos em movimento ficariam borrados. Fico sempre surpreso por agora poder fazer imagens com definição mesmo em situações extremas de baixa luz.

Fotografe – Você é casado?

McCurry – Não sou casado e não tenho filhos. Por viajar para tantos países, eu me sinto como se fizesse parte de uma comunidade muito maior.

